



OUTUBRO 2024

EDIÇÃO
29



OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS, EMPREENDEDORISMO, INOVAÇÃO E CONJUNTURA DA USCS (CONJUSCS)

Sob a Direção da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, e com o apoio do Centro de inovação Inovauscs para o desenvolvimento regional, o Observatório Conjuscs é formado por Professores, Pós-Graduandos, Graduandos e parceiros convidados de diversos setores da sociedade.

Expediente 29ª Carta de Conjuntura (outubro 2024)

Reitor: Prof. Dr. Leandro Campi Prearo
 Pró-Reitora de Pós-Graduação: Profª. Drª. Maria do Carmo Romeiro
 Pró-Reitor de Graduação: Prof. Ms. Silton Marcell Romboli
 Pró-Reitor Administrativo e Financeiro: Prof. Me. Orlando A. Bonfatti
 Pró-Reitora de Inovação em Ensino: Profª. Drª. Maria do Carmo Romeiro

Líder do Grupo de Pesquisa CNPQ do Observatório: Prof. Dr. Jefferson José da Conceição

Coordenação Geral do Observatório:

Prof. Dr. Jefferson José da Conceição

Equipe de Coordenação do Observatório:

Prof. Drª. Camila Faustinoni Cabello
 Prof. Dr. Jefferson José da Conceição
 Prof. Dr. Francisco Rozsa Funcia
 Prof. Me. Ricardo Trefiglio
 Prof. Me. Regina Albanese Pose

Equipe de Pesquisadores Permanentes do Observatório:

Prof. Drª Camila Faustinoni Cabello
 Prof. Dr. Eduardo de Camargo Oliva
 Prof. Dr. Enio Moro Júnior
 Prof. Dr. Francisco Rozsa Funcia
 Prof. Dr. Jefferson José da Conceição
 Prof. Dr. José Turíbio de Oliveira
 Prof. Dr. Lúcio Flávio da Silva Freitas
 Prof. Dr. Milton Carlos Farina
 Prof. Dr. Roberto Vital Anav
 Prof. Dr. Volney Aparecido de Gouveia

Equipe de Professores Técnicos do Grupo de Pesquisa do Observatório:

Profª. Me. Alessandra Santos Rosa
 Prof. Me. Daniel Vaz
 Prof. Me. David Pimentel Barbosa de Siena
 Prof. Me. Luis Felipe Xavier
 Profª. Me. Marta Angela Marcondes
 Profª. Me. Rosana Marçon da C. Andrade
 Prof. Me. Vinícius Oliveira Silva
 Profª Me. Sandra Collado
 Prof. Me. Ricardo Trefiglio
 Profª Me. Regina Albanese Pose

Participantes da 29ª edição da Carta de Conjuntura da USCS:

Adhemar S. Mineiro
Alessandra Souza Menezes
Alexandre Fuzaro Cardozo
Alice Ladeira de Souza Silva
Aline Spano
Allan Marcelino Alves
Allyne Montanheiro Batista
Ana Beatriz Bezerra Dos Santos
Ana Carolina da Silva Primo
Ana Carolina Tosetti Davanço
Ana Paula Zanetti Neves
Anderson Fedel
André Dias Bernardo Lopes
Anna Luísa Dias
Antonio Aparecido de Carvalho
Antonio Carlos Monteiro Neves
Aroaldo Oliveira da Silva
Bianca De Freitas Batista
Bianca Ferreira Brasil
Brandon Avila Montúfar
Carlos Caramelo
Celso Machado Junior
Claudia Tavares Alvarenga
Clayton Vinicius Pegoraro de Araujo
David Pimentel Barbosa de Siena
Fabiana Guedes Leforte
Felipe Venancio Silva
Fernanda Garkousha Pinheiro
Fernando Moraes dos Reis
Filipe dos Reis
Francisco R. Funcia
Francieli Zucco Pedriali
Gabriel Severiano Maoski
Gabriela de Paula Leal
Gabrielle do Nascimento Gobbo
Gabrielle Jacobi Kölling
Gisele Vasconcelos da Silva
Giulia Brenda Azarias Costa
Guilherme Fernandes da Silva
Guilherme Jacomini Vaccari
Hilquias Corsini
Icaro Augusto do Nascimento Zidioti
Irvila Ricarte de Oliveira Maia
Isabella Araujo Siebra
Jasmim Lima Bezerra Bin
Jefferson Augusto de Figueiredo Amaral
Jefferson José da Conceição
João Pedro Martinez dos Santos
José Ricardo Ramalho
Julia Garcia de Campos
Julia Rodrigues de Souza
Julyana Aparecida Francisco De Deus
Karen Silva Andriotti
Kawa Cumarú Lopes
Laís Monteiro Santana
Lenir Santos
Letícia Miola Zucatto
Lorena do Nascimento Silva
Luara Yumi Maeyama
Lucas Almeida O. dos Santos
Lucas Miranda Fernandez
Luciano Calchi
Luisa Caldas
Marcela Rodrigues Victor
Marcello Azevedo

Marcelo Custódio de Andrade
Marcos Paulo Lourenço
Maria Eduarda Araujo Martins
Mariana Capuzzo Francisco
Mariana Cunha Souza
Mariana Pereira Silva
Marta Ângela Marcondes
Matheus Felipe Hernandez
Matheus Rodrigues da Luz
Maurício Luiz Gonçalves Martiniano
Nathalie Rinaldi Isquerdo
Pamela Costa Nascimento
Pedro Lopes Tavares de Sousa
Rafael Monteiro Ue
Rafaela Frutuoso Wanderley
Rebecca Freitas Malfatti
Regina Albanese Pose
Reginaldo Braga Lucas
Renata da Silva Corrêa Dias
Renato Rossi
Ricardo Pereira Trefiglio
Rita Serrano
Roberto de Carvalho
Rogério Lopes
Sarah da Silva Siqueira
Simona Adriana Banacu dos Santos
Sucena Shkrada Resk
Tarik Dias Hamdan
Thaiane Rosalem Bulchi
Thamara Marinho
Thiago L. Leão Nepomuceno
Tiffany Gamez Tomoyosi
Victor Hugo Gama da Azevedo
Victor Queiroz
Vinícius Mendonça Santos
Vívian Machado
Volney Gouveia
Walefy de Sousa Camurça
Wellington Messias Damasceno

Organização dos textos:

Prof. Dr. Jefferson José da Conceição

Comunicação institucional:

Prof. Me. Luciano Domingos da Cruz

Assessoria de Imprensa:

Ana Paula Lazari Ferreira

Redes Sociais:

Aline Amaral

Revisão de textos:

Prof. Dr. Jefferson José da Conceição

Ana Paula Lazari Ferreira

Carta on-line:

Ana Paula Lazari Ferreira

Renata Ezellner Miquelim

Observação: As opiniões manifestadas nesta publicação são autorais e não expressam necessariamente a visão da Universidade Municipal de São Caetano do Sul ou das demais instituições acadêmicas ou parceiras mencionadas na Carta de Conjuntura. Visite nosso site: www.uscs.edu.br/noticias/cartasconjuscs. contato: jefferson.conceicao@online.uscs.edu.br

Registrado na Câmara Brasileira do Livro (CBL) sob o ISBN nº 978-65-89001-37-9, categoria: Livro digital

Para acessar às Cartas anteriores (de 1 a 28), digite: <https://www.uscs.edu.br/noticias/cartasconjuscs>

Nota Técnica

1. RELATO DA MISSÃO DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC À CHINA: OS DESAFIOS DA NEOINDUTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

Wellington Messias Damasceno⁹

Carlos Caramelo¹⁰

Marcos Paulo Lourenço¹¹

Aroaldo Oliveira da Silva¹²

Victor Queiroz¹³

Thamara Marinho¹⁴

Resumo

A nota técnica relata a viagem de delegação formada por diretores sindicais e assessores do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC à China, em março de 2024. Em visita às cidades de Beijing, Baoding, Zhengzhou, Jiangsu, Shanghai, Suzhou e Ningde (Fuzhou), a missão teve o objetivo de conhecer a transição das novas tecnologias de propulsão do setor automotivo; cases relacionados a setores de tecnologia, de comunicação e de finanças; bem como a política de formação profissional naquele país asiático. Isto, com o propósito de contribuir para as experiências que vêm sendo desenvolvidas na região do ABC Paulista, especialmente, na categoria dos metalúrgicos do ABC, para colocar em curso um processo neoindustrialização no Brasil e na região.

Palavras-chave: China. Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Neoindustrialização. Setor automotivo. Brasil. Região do ABC Paulista.

Abstract

The technical note reports on the trip of a delegation composed of union leaders and advisors from the ABC Metalworkers' Union to China in March 2024. During visits to the cities of Beijing, Baoding, Zhengzhou, Jiangsu, Shanghai, Suzhou, and Ningde (Fuzhou), the mission aimed to explore the transition to new propulsion technologies in the automotive sector; case studies related to technology, communication, and finance sectors; as well as professional training policies in that Asian country. The purpose was to contribute to the experiences being developed in the ABC Paulista region, especially among the ABC Metalworkers, in order to implement a process of neo-industrialization in Brazil and the region.

Keywords: China. ABC Metalworkers' Union. Neo-industrialization. Automotive sector. Brazil. ABC Paulista region.

⁹ **Wellington Messias Damasceno.** Diretor administrativo e financeiro do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Diretor do Instituto Lula. Advogado com pós-graduação em relações trabalhistas. Trabalhador na Volkswagen.

¹⁰ **Carlos Caramelo.** Vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Diretor da Unisol Brasil e trabalhador na Scania.

¹¹ **Marcos Paulo Lourenço.** Coordenador da Regional Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Trabalhador na Ausus.

¹² **Aroaldo Oliveira da Silva.** Presidente da IndustriALL-Brasil. Presidente da Agência de Desenvolvimento Econômico Grande ABC. Diretor executivo licenciado do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Trabalhador na Mercedes-Benz.

¹³ **Victor Oliveira de Queiroz.** Assessor para assuntos relacionados à China do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Presidente do Instituto XieXie - Brasil China.

¹⁴ **Thamara Marinho.** Assessora de comunicação do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Reconhecido nacionalmente e internacionalmente como um sindicato histórico e de vanguarda, os Metalúrgicos do ABC têm o compromisso de estar sempre atualizados e atuantes sobre as questões que permeiam o mundo do trabalho e de interesse dos trabalhadores e trabalhadoras em nível mundial para assim poder melhor discutir o presente e o futuro de sua categoria e de toda a classe trabalhadora brasileira.

Pensando nisso, em março de 2024 uma delegação formada por diretores e assessores da entidade sindical esteve na China para dialogar e conhecer a transição das novas tecnologias de propulsão do setor automotivo, além das experiências nos setores de tecnologia, comunicação e financeiros e a dinâmica da formação profissional no país asiático, para dialogar com as melhorias à região do ABC e da categoria, aumentando a qualidade na representação dos trabalhadores.

O intercâmbio que durou dez dias, com passagem pelas cidades de Beijing, Baoding, Zhengzhou, Jiangsu, Shanghai, Suzhou e Ningde (Fuzhou) permitiu agendas que incluíram conversas e visitas para conhecer de perto questões relacionadas à descarbonização, produção de bateria nos veículos elétricos, transferência de dados, internet das coisas, recolocação profissional, entre outros temas que interessam à categoria metalúrgica e toda a indústria de transformação do Brasil.

O olhar estratégico para diferentes pontos da indústria chinesa foi parte da lógica da missão que visou abranger os vários segmentos de atuação da instituição. Em solo chinês, as agendas com empresas de baterias; semicondutores; ônibus e carros elétricos; caminhão a hidrogênio; setores de tecnologia, comunicação e energia; representação sindical; formação profissional; conglomerados econômicos, em destaque o Banco dos Brics (Novo Banco de Desenvolvimento, é um banco de desenvolvimento multilateral fundado pelos cinco estados integrantes do grupo BRICS); a Federação dos Sindicatos de Metalúrgicos da China; Escola Politécnica de Shanghai e a embaixada brasileira na China permitiram uma verdadeira imersão à cadeia automotiva chinesa, na qual foi possível ver, na prática, o que fazem e como produzem Higer Bus, Nio Automotive, CATL Baterias, SAIC Automotive, Yutong Bus, GWM Motors, GigaDevice, Citic e Kwai.

O Brasil vive um momento histórico, e é papel do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e do movimento sindical aproveitar as oportunidades para buscar alternativas e moldais em todo o mundo, que visem a geração de empregos, transferência de tecnologia e desenvolvimento, e a construção de agendas de futuro que tragam sustentabilidade, além de dar credibilidade e segurança jurídica para que empresas possam buscar o Brasil como alternativa de investimentos. Em contrapartida e motivo de preocupação, o mercado brasileiro tem atraído o interesse de empresas chinesas e cada vez mais aumentam as exportações de produtos manufaturados chineses para nosso País. De acordo com informações da CPCA, sigla em inglês para Associação Chinesa do Carro de Passageiro, de janeiro a agosto deste ano, a China já mandou 610 mil carros para fora, sendo quase 200 mil deles para o mercado brasileiro. Hoje o Brasil já é o quarto maior destino de exportação do país asiático, enquanto nem aparecia entre os 10 primeiros em 2023, ponto preocupante para a indústria automobilística brasileira. Em julho, um estudo da consultoria americana AlixPartners, previu que um em cada três carros novos vendidos no mundo será produzido na China até 2030.

A China decidiu apostar na eletrificação criando empresas e mirando no desenvolvimento do país não só do ponto de vista profissional, mas também social. O modelo chinês é muito diferente do brasileiro. Há mais de 10 anos o país asiático investe pesado para chegar em 2050 como maior potência científica e tecnológica do mundo. É fato que a China associa seu crescimento ao desenvolvimento tecnológico e industrial. Além disso, o governo apoia muito o progresso das empresas, mas as contrapartidas são muito claras. As corporações precisam fazer a sua parte com preços acessíveis, contribuindo com o desenvolvimento local (da cidade

e/ou região), exportando e ganhando mercado e auxiliando na expansão tecnológica pioneira e/ou liderança em determinada área. Até 2025, a China terá os setores industriais e agronegócios no patamar 4.0 e como já citado aqui será a maior potência científica e tecnológica do mundo até 2050.

Um estudo da União Europeia publicado em 2023 apontou que a China, sozinha, responde por 17% dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) no mundo. Segundo o mesmo levantamento, a majoritária participação das empresas chinesas nos investimentos em P&D era de 60% em 2003. Pulando para 76% em 2016. Nesta conta, é importante destacar também que o governo entra com 20% e as universidades com o restante. O valor investido pelo Estado em P&D em 2022 equivale a 2,55% do Produto Interno Bruto (PIB) do país.

Durante a imersão metalúrgica foi perceptível que os avanços que a classe trabalhadora teve com os investimentos em tecnologia também são notáveis e estão efetivamente alcançando a base. A sociedade teve melhoras na qualidade de vida e os trabalhadores nas condições de trabalho e na percepção salarial. A economia chinesa está em desaceleração mantendo pleno emprego com geração de 10 milhões de novos empregos por ano, proporcionando crescimento salarial e aumento contínuo de poder aquisitivo. O “*Global Innovation Index 2020*” revelou a China em 1º lugar no grupo de países média-alta renda [Brasil em 12º] e 14º no ranking geral.

Em 20 anos a China cresceu quase 10% ao ano, passando de um país milenar e agrário para uma região urbano e *high-tech*. Chama a atenção o número de construções de moradias, um déficit que temos no Brasil, mas também uma das políticas que vêm sendo recuperadas pelo atual governo Lula, a partir da retomada do Programa *Minha Casa, Minha Vida*. Entretanto, a velocidade do setor habitacional chinês precisa ser acompanhada e copiada.

Mobilidade e logística

O governo chinês também usa da mobilidade para fortalecer a reindustrialização. É impressionante (ao caminhar pelas cidades) a quantidade de complexos viários, viadutos, sistema ferroviário e metroviário, passarelas disponíveis por todo país. Já existem muitos e tantos outros em construção, conjuntamente com moradias. O que também auxilia no crescimento da indústria de base e na economia chinesa como um todo. A logística e infraestrutura chinesas, tanto de transporte de carga, quanto de transporte de passageiros, impressiona. Há muitas opções de transportes disponíveis para a população.

Segundo informações do Conselho de Estado da China, o país previa alcançar um total de 175 mil quilômetros de ferrovias operacionais, quais 38 mil km de trilhos de alta velocidade até 2025 e 45 mil até 2030, números que já foram alcançados em 2024, segundo publicação. Em 2020 a meta era atingir 30 mil km com alta velocidade atendendo mais de 80% das principais cidades em todo o País. A malha chinesa equivale a 60% do total mundial de alta velocidade. Os planos de investimentos chineses em mobilidade são os tipos de políticas públicas que melhoram a vida da população, mas que ao final alteram toda a estrutura da cidade, estado e do país. Fazendo com que aumente a demanda da produção industrial de toda a cadeia automotiva com mais carros, ônibus, aço, ferro etc. Movimentando todo o ecossistema urbano e fazendo com que a economia geral circule e cresça.

A China investe também fortemente na micromobilidade. Por todas as cidades há grande presença de largos corredores para bicicletas elétricas, pequenas motos - ao custo menor que mil reais -, muito comuns no país e que ajudam no sistema de transporte. Nota-se que, apesar do grande fluxo de trânsito, o país asiático tem possibilitado diferentes ofertas de mobilidade para a população.

Tudo isso, associado a oferta do sistema público com desenvolvimento industrial, fortalecimento do desenvolvimento e pesquisa de tecnologia e inovação. A China e o Brasil há 40 anos estão em sentidos inversos sobre a indústria. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a participação da indústria no PIB Brasileiro saiu de 24,8% (1999) para 11,8% (2018). Já a participação média da indústria no PIB chinês se manteve em 46%, de 1990 a 2009, segundo Banco Mundial.

Indústria de transformação e setor automotivo

A China aproxima-se dos 30% da manufatura mundial. Em acelerada marcha de modernização para a indústria 4.0 em todo o País até 2025, a China, de acordo com estudo da Confederação Nacional da Indústria (CNI), de setembro de 2022, é apontada como maior país exportador do mundo da indústria de transformação com 18,43% de participação. A soma de China, Hong Kong e Taiwan (os dois últimos com 24,58%) é de 35,82% de exportações mundiais da indústria. O primeiro responde hoje por quase 20% da produção industrial mundial e é dono do maior parque industrial com 28% do total mundial. Em apenas 16 anos a China mais que dobrou sua participação na indústria de transformação mundial. Chegando em 2021, com 30,5%, ao 1º lugar mundial de valor adicionado nesta indústria.

O país é também campeão da produção de aço na faixa de 800 - 820 milhões de toneladas. Maior exportador do mundo. Só em instalação de robôs totalizou 243 mil em 2021. Número este que representa metade do total instalado no mundo. Em números absolutos o Estado tinha mais de um milhão de robôs em operação em 2021.

É também hoje líder mundial da produção e venda de veículos. A produção chinesa de veículos em 2023 alcançou 30,16 milhões, aumento de 11,6% em relação a 2022. Todavia, pelas ruas das cidades é possível perceber um sistema de identificação nas placas dos autos. Os veículos produzidos com motor a combustão possuem placas azuis, já os elétricos apresentam placas verdes. Há por todo país uma grande presença da eletrificação automotiva. Com isso, a China consolidou a própria indústria automotiva e fez tornar-se pioneira e líder, tanto no desenvolvimento destes veículos, quanto na tecnologia de eletrônica embarcada.

Todavia, a analogia com o Brasil permanece muito distante, uma vez que em terras tupiniquins não haverá o desenvolvimento de novas empresas no setor automotivo, mas sim a transição das tecnologias e a migração de um produto para outro. Na China, as empresas produtoras de motores elétricos e a combustão coexistem no mercado e são concorrentes. Isto, diferentemente das matrizes europeias, que estão “desligando” as unidades fabris de produção a combustão para iniciar suas atividades em plantas novas para a produção elétrica. No Brasil, temos a oportunidade de realizar uma transição justa efetiva desde os chãos de fábricas. Nossa realidade permite pensar chances de possuir um modelo de transição único e ainda não vivenciado em nenhum outro lugar do mundo, nas quais as empresas de veículos elétricos e híbridos serão as mesmas fábricas que produzem veículos a combustão.

Contudo, do ponto de vista de qualificação dos profissionais, há muito o que ser feito no Brasil. É preciso haver política pública para incentivar a requalificação dos trabalhadores. São importantes ações que pautem a inclusão destas questões em políticas públicas para que também possamos desenvolver a indústria brasileira e melhorar os serviços públicos oferecidos para a população. Assim como ocorreu com os trabalhadores chineses.

O Brasil tem uma distância enorme da academia à indústria. Na China, as empresas estão dentro das universidades. Algo muito dinâmico, na qual os jovens já se formam com o olhar técnico, o que facilita muito a missão. No Brasil, não raro, a resistência à capacitação é vista dentro da própria companhia, pela própria chefia, que por vezes não incentiva a transformação. Os investimentos da China em educação, de acordo com o Conselho de

Estado, têm sido de 4% do PIB (média mantida de 2012 a 2018). Um total de US\$ 520 bilhões em 2018. Isto se reflete também nos salários dos profissionais chineses, maiores do que os dos brasileiros.

Trabalhadores e seus representantes, empresários, academia e poder público têm discutido como se dará essa transição, sobretudo, no setor automotivo brasileiro. O próprio Programa Mover (Programa de Mobilidade Verde), lançado no final de 2023, trata da eletrificação veicular e fomenta o debate de políticas públicas e modais tecnológicos. Para além, negociações coletivas como a realizada pelos Metalúrgicos do ABC com a Volkswagen, planta Anchieta, sobre a produção de veículos híbridos, também tem aquecido e auxiliado nas definições da transição justa brasileira. Entretanto, ainda não havia vivências brasileiras nos impactos destas transformações no processo produtivo, nos tipos de qualificações que os trabalhadores e trabalhadoras necessitam, ou ainda na cadeia de autopeças. A visita da direção dos Metalúrgicos do ABC à China foi o ponto de partida, devido ao espaço que o Estado ocupa nesta discussão. O país oriental atingiu o 11º lugar no ranking 2022 de inovação mundial e 4º lugar no Ranking de Competitividade Industrial 2018/2019 listados pela CNI.

Relação Brasil X China

A China enxerga no Brasil, além de mercado potencial, uma plataforma de exportação para ingressar em países em que hoje não tem presença. O mercado chinês já começou a estagnar. E não deve crescer mais do que entre 7% e 10% ao ano como fazia. A China terá crescimento compatível a uma economia mais madura, em que se espera avanços de 3%. Com isso, precisa extrapolar sua capacidade produtiva para outros países, como o Brasil.

Já no Brasil vive-se uma transição energética que também abre a possibilidade da discussão para a reindustrialização do país a partir de potenciais brasileiros. Não necessariamente a cópia de medidas que já estão sendo adotadas em outros países. Mas, é preciso discutir efetivamente qual será a estratégia e a China pode ser um parceiro tático nesta questão. Porém, ainda não está claro o tempo que o Brasil levará para desenvolver e aplicar tal processo.

A relação industrial entre Brasil e China tem se consolidado ao longo dos anos, especialmente com o aumento das trocas comerciais e investimentos chineses no Brasil. No entanto, essa parceria precisa ser mais do que um simples fluxo de importações e exportações; ela deve ser planejada, visando o fortalecimento da indústria brasileira. Essa é uma das principais demandas dos trabalhadores metalúrgicos do ABC, que reconhecem a importância de alavancar o potencial tecnológico nacional em vez de permitir que o Brasil se torne apenas um mercado consumidor de produtos manufaturados chineses.

Historicamente, a indústria brasileira passou por períodos de crescimento e estagnação, e a necessidade de revitalização é evidente. A chegada de investimentos chineses no setor industrial pode ser uma oportunidade ímpar para fomentar a inovação, a modernização e a competitividade da nossa indústria. No entanto, isso requer um alinhamento claro entre as políticas públicas e os interesses nacionais. Os trabalhadores industriais, representados por sindicatos e associações, desempenham um papel fundamental nesse processo, reivindicando que as parcerias com a China priorizem a transferência de tecnologia e a capacitação de mão de obra local.

Em visita à sede do Banco Brics, liderado pela ex-presidente Dilma Rousseff, foi apresentada a iniciativa do Sindicato, tanto na preocupação com os empregos quanto na valorização do ABC Paulista como polo para receber investimentos de infraestrutura e reindustrialização. Neste processo o banco pode, por exemplo, financiar obras e entrar como parceiro em investimentos. Durante o encontro foram sinalizadas algumas possibilidades de parceiros

chineses. O investidor, nessa hipótese, entraria em contato com o Brics e ou com o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

Em resumo, a China está anos-luz à frente do Brasil em questão de desenvolvimento. Porém, serve de inspiração em muitas áreas em que o Brasil tem condições também de disputar o protagonismo. Em muito pouco tempo, o povo chinês conseguiu dar saltos tecnológicos e de qualidade de vida que não há dimensões nem parâmetros comparativos. Entretanto, fica de ensinamento que há a necessidade de organização e planejamento de ideias e políticas públicas. Para a região do Grande ABC, é preciso projetá-la para além da indústria, assim como muitas localidades na China tomaram a iniciativa de fazer para se desenvolver do ponto de vista social, atrelado ao desenvolvimento econômico e tecnológico.

Uma das preocupações centrais é a dependência crescente do Brasil em relação à importação de produtos chineses. O país tem visto um aumento significativo nas importações de bens de consumo e insumos industriais, o que pode comprometer a sustentabilidade de sua própria indústria. Para evitar que o Brasil se torne um mero receptor de produtos manufaturados, é fundamental que o governo brasileiro implemente políticas que incentivem a produção local e a inovação. Isso inclui a criação de ambientes favoráveis para empresas de tecnologia, além de incentivos para indústrias que optem por investir em pesquisa e desenvolvimento.

A colaboração com a China deve ser orientada por objetivos claros que promovam a sinergia entre as duas economias. É possível estabelecer parcerias em setores estratégicos, como energia renovável, tecnologia da informação e mobilidade urbana. Essas áreas não só têm grande potencial de crescimento, mas também são cruciais para o futuro sustentável do Brasil. Ao atrair investimentos chineses para projetos que beneficiem a indústria nacional, o país pode alavancar sua capacidade produtiva e inovadora.

Além disso, a inclusão dos trabalhadores nas discussões sobre essas parcerias é vital. Para além do conhecimento prático, mas também com a perspectiva essencial sobre as necessidades do setor. A participação ativa dos sindicatos nas negociações pode garantir que os interesses dos trabalhadores sejam respeitados, promovendo um desenvolvimento que seja, de fato, benéfico para todos. A capacitação e a formação contínua da mão de obra devem ser um foco central, preparando os trabalhadores para os novos desafios impostos pela evolução tecnológica.

A experiência da China em áreas como industrialização rápida e inovação tecnológica pode servir de modelo, mas é crucial que o Brasil não copie simplesmente as estratégias chinesas. O desenvolvimento industrial brasileiro deve ser moldado por suas próprias características e necessidades, respeitando suas particularidades culturais e sociais. Para isso, a construção de uma agenda estratégica que uma governo, empresas, trabalhadores e academia é imprescindível.

Há um potencial enorme do desenvolvimento de políticas que possam ser encaminhadas e debatidas com o governo para se pensar como discutir estrategicamente o potencial do Brasil e como o país pode ser uma plataforma exportadora, sobretudo, com mercados mais semelhantes aos já existentes. Além de pensar nas maneiras de garantir a proteção dos trabalhadores, a geração de emprego e renda, sempre relacionadas as pautas sindicais e as negociações coletivas neste processo.

Os Metalúrgicos do ABC e o movimento sindical têm buscado negociar tanto políticas públicas no Brasil, quanto acordos para a produção de carros híbridos. Deixando sempre claro aos chineses e a quem mais interessar que se trata de um Sindicato propositivo, que busca soluções conjuntas e negocia diretamente com entes governamentais. Conversando também com conglomerados que não são do setor metalúrgico/automotivo, mas que, de alguma maneira, têm interesse em entrar e fazer parcerias em obras no Brasil. Isso tudo é importante

para a região do ABC, atrelando as necessidades de investimentos em infraestrutura com a notoriedade que o Brasil ganhou novamente com o governo Lula e com a China querendo parceiros comerciais para fazer investimentos.

Os Metalúrgicos e Metalúrgicas do ABC são trabalhadores e trabalhadoras que não deixarão de lutar por sua região, que conta com logística privilegiada, mão de obra qualificada, e estão ao lado do maior mercado consumidor do País, além de contar com o quarto maior PIB do Brasil. Para além, permanecem dialogando com chineses e todos os povos que possam viabilizar a chegada de mais empresas e de investimentos no País. Por isso, durante sua missão as agendas tiveram como encaminhamentos:

Nas empresas do setor automotivo visitadas **Higer Bus, Yutong Bus** (empresas do segmento de ônibus), **Nio Automotive, SAIC Motor e GWM** (fabricantes de carros comerciais leves), os Metalúrgicos do ABC encaminharam cartas convites ao Brasil e deixaram claro intenções de elaborar projetos visando desenvolvimento, aquisição e produção em solo brasileiro, além de diálogos sobre cooperações para fabricação e de possíveis fornecedores no Brasil.

Já na fábrica da **CATL**, maior fornecedora mundial de baterias para veículos elétricos, com 37% do mercado global, os dirigentes sindicais conheceram o processo de desenvolvimento e as etapas de fabricação das baterias, encaminharam carta convite ao Brasil e discutiram possibilidades de cooperação para projetos no País e a elaboração de fóruns com foco no mercado latino-americano.

Com a **China Energy**, conglomerado do setor de energia que atua em diversos países, inclusive Brasil, encaminharam convites ao Brasil, apresentação de parcerias e cooperação em projetos na região do ABC. Na **GigaDevice**, empresa de semicondutores, especializada em projeto, fabricação e venda de circuitos integrados (ICs) de alto desempenho, foram realizadas conversas sobre oportunidades para o Brasil e o movimento sindical se colocou à disposição para parcerias e fóruns conjuntos. Aos dirigentes do **CITIC Group (China Internacional Trust Investment Corporation)**, um dos maiores conglomerados estatais da China, com diversos interesses comerciais que abrangem finanças, imóveis, infraestrutura, energia, manufatura, entre outros, houve o convite para visita ao Sindicato e as infraestruturas da região do ABC. Além do compromisso de um termo de parceria para desenvolvimento de ações conjuntas.

Os sindicalistas estiveram também na **Federação dos Sindicatos Metalúrgicos da China (ACFTU)**, a Central Sindical Nacional e a organização popular da República da China. É o maior Sindicato do mundo, com 302 milhões de membros. Lá foi feito um diálogo e reaproximação visando melhoria das condições sociais e trabalhistas de ambos os países.

Com a direção da **Kwai**, segunda maior plataforma de compartilhamento de vídeos curtos do mundo, foi proposta uma parceria com a Escola Dona Lindu (escola de formação profissional do Sindicato – localizada na Regional Diadema) para formação profissional em plataforma digital; parcerias para projetos na região, visando inovação e economia criativa. No **Industrial and Commercial Bank of China (ICBC)**, maior banco da China, o diálogo foi acerca de projetos voltados aos empreendimentos e projetos de desenvolvimento industrial no País.

No encontro com o **Embaixador do Brasil na China**, Marcos Galvão, e sua equipe, foi firmado o compromisso da realização de evento comemorativo dos 50 anos das relações diplomáticas entre os dois países (comemorados em agosto de 2024). Um evento cultural com expositivo e fórum com empresas e autoridades dos dois países.

No **Banco do BRICS (NDB)**, com a presidenta Dilma Rousseff, os Metalúrgicos do ABC apresentaram projetos de infraestrutura para a região do ABC em que o NDB possa ser parceiro. E, na **Escola politécnica de Shanghai**, os diretores debateram a possibilidade de

parceria para cursos com foco na transição energética na Escola Dona Lindu (escola de formação profissional dos Metalúrgicos do ABC) e entidades parceiras para intercâmbio entre alunos.

Por fim, a relação Brasil-China deve ser vista como uma oportunidade para reimaginar o futuro da indústria nacional. Através de parcerias que promovam o desenvolvimento tecnológico e a capacitação da força de trabalho, o Brasil pode não apenas aumentar sua competitividade, mas também garantir que os benefícios dessa colaboração sejam distribuídos de maneira equitativa. É uma chance de transformar desafios em oportunidades, construindo um futuro industrial que respeite o potencial brasileiro e valorize sua mão de obra.

Em resumo, a busca por uma relação industrial estratégica com a China é mais do que uma questão de comércio; é uma oportunidade para reerguer a indústria brasileira. Com a participação ativa dos trabalhadores e um foco na inovação e na capacitação, o Brasil pode se posicionar como um protagonista em um cenário global cada vez mais competitivo, evitando o risco de se tornar apenas um importador de produtos manufaturados e reafirmando seu papel como um país industrializado e autônomo.

Conclusão

A missão na China destacou a relevância de entender como o país asiático está lidando com a transição energética e tecnológica, e os impactos dessa transição sobre sua força de trabalho. Ao observar as experiências chinesas, pode-se submergir conhecimentos valiosos que alimentam a discussão sobre políticas públicas no Brasil, especialmente no que se refere à necessidade de uma transição energética justa. Essa justiça implica a inclusão ativa de trabalhadores e trabalhadoras, cujas vozes e experiências devem ser consideradas na formulação de políticas que moldarão o futuro do mundo do trabalho.

É imprescindível que as discussões sobre esta transição incluam a representação de diversos atores: trabalhadores, universidades, empresários e o Estado. Essa abordagem colaborativa é crucial para o desenvolvimento de políticas que não apenas impulsionem a inovação e a sustentabilidade, mas que também assegurem que os benefícios sejam distribuídos de maneira equitativa. A qualificação da mão de obra, com foco em novas tecnologias, é uma das chaves para garantir que os trabalhadores estejam preparados para os desafios e oportunidades trazidos por essa nova era.

A inclusão desses grupos será essencial para moldar políticas que efetivamente respondam às transformações do mundo do trabalho e às diferentes abordagens energéticas globais. Os trabalhadores devem estar atentos às mudanças nos modelos produtivos, pois essas mesmas transformações têm repercussões diretas em suas vidas, empregos e comunidades.

Além disso, os trabalhadores precisam acompanhar de perto as alterações nos modelos produtivos industriais. As formas como diferentes regiões do mundo implementam suas mudanças energéticas impacta diretamente suas vidas, empregos, rendas e até a configuração de suas cidades. A adaptabilidade e a preparação para essas alterações são essenciais para garantir que a força de trabalho não seja abandonada nesse processo de evolução.

Neste cenário, a mão de obra qualificada do ABC tem um papel fundamental na liderança da transição energética automotiva brasileira. O ABC, historicamente um polo industrial, possui a expertise necessária para impulsionar essa variação, aproveitando as lições aprendidas na China e em outros lugares. Entretanto, para que isso ocorra, são necessárias políticas públicas efetivas que promovam a neointustrialização com foco na transição justa, refletindo a importância de uma abordagem integrada que priorize a equidade social e econômica.

A capacidade do ABC de se tornar referência novamente no setor automotivo e no movimento sindical ser referência nos acordos e propostas sobre a temática dependem da construção de um diálogo contínuo entre todos os envolvidos. É preciso que os trabalhadores se mobilizem e se organizem, buscando espaços de discussão que permitam sua participação ativa. Somente assim poderão influenciar as decisões que afetarão seu futuro, garantindo que a transição energética não apenas seja uma mudança tecnológica, mas também uma oportunidade de crescimento e valorização do conjunto de trabalhadores.

Em suma, a experiência dos trabalhadores metalúrgicos do ABC na China deve servir como um catalisador para repensar a transição energética no Brasil. O compromisso com uma mudança justa deve ser refletido em políticas que promovam inclusão, formação e desenvolvimento, assegurando que todos, especialmente os trabalhadores, possam participar ativamente desse novo cenário. O futuro do trabalho no Brasil precisa ser construído coletivamente, integrando saberes e experiências diversas para garantir um amanhã mais justo e sustentável para todos.

A missão metalúrgica do ABC na China revelou a importância de compreender tais estratégias chinesas, especialmente em relação aos impactos sobre os trabalhadores. Este aprendizado não apenas enriquece o debate, mas também enfatiza a necessidade de uma transição energética justa, que inclua ainda mais voz e a participação ativa de todos os envolvidos. Há chance de reafirmar nossa posição de destaque, mas isso requer políticas efetivas, inspiradas nos exemplos de neointustrialização asiática.

Temos a oportunidade de novamente ser referência no setor e no movimento sindical, para iniciar a transição energética automotiva brasileira. Para isso, são necessárias, porém, políticas efetivas assim como as visitadas na China de neointustrialização como foco na transição justa.

